

O JUÍZO DE DEUS (SL 7.1-17)

INTRODUÇÃO:

A doutrina da Providência de Deus é uma das mais confortadoras para os crentes em todos os tempos e circunstâncias, especialmente nas adversidades. Esta doutrina está relacionada ao conhecimento que temos de Deus a partir da Sua Revelação verbalizada nas Escrituras e encarnada em Jesus Cristo, o eterno Verbo de Deus (Jo 1.1-2,14).¹

A *Providência de Deus* nos fala de Deus em Sua relação com a Criação, revelando aspectos de Sua soberania, sabedoria, justiça, bondade e misericórdia, entre outras de Suas perfeições. Como definição desta doutrina tomaremos a formulada por Berkhof (1873-1957) por nos parecer precisa e suficientemente abrangente: “O permanente exercício da energia divina, pelo qual o Criador preserva todas as Suas criaturas, opera em tudo que se passa no mundo e dirige todas as coisas para o seu determinado fim”.²

Costuma-se elencar três elementos da Providência, a saber:

a) **Preservação:** Aquela contínua operação do poder de Deus, pela qual Ele sustenta e preserva toda as coisas contingentes – a Criação –, a fim de que esta possa cumprir ordenadamente o propósito para a qual foi criada. Isto significa que a Criação de Deus não tem poderes em si mesma para auto-existir; sem a sustentação de Deus, o universo inteiro, tudo o que existe fora de Deus deixaria de existir (Hb 1.3).³

b) **Concorrência:** O modo pelo qual Deus exerce a Sua Providência no mundo, sustentando com o Seu poder as operações de todas as causas secundárias. Deus é o princípio ativo e determinante de tudo o que acontece, sem, entretanto, haver nenhum envolvimento ético com a maldade humana, visto que o homem comete o pecado por sua livre agência.

c) **Governo:** A ação contínua, misteriosa e soberana de Deus por meio da qual, Ele dirige todos os acontecimentos, pequenos e grandes, para o fim proposto por Ele mesmo.

No Governo, temos de forma palpável a idéia de Providência, visto que a preser-

¹ “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. ² Ele estava no princípio com Deus. (...) ¹⁴ E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.1-2,14).

² L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1990, p. 165

³ “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas” (Hb 1.3).

vação e a concorrência existem dentro do propósito definido por Deus. O Governo nos mostra que a preservação e a concorrência têm um objetivo teleológico definido, que é a Glória de Deus no exercício das Suas perfeições.

Quanto, porém, olhamos para a situação do homem com a sua percepção da História, sem considerar o cuidado e a direção de Deus, vemos que “a causa do problema é que homens e mulheres não sabem que estão num universo moral, cujo rei é Deus, e que Deus é o Juiz de todo o mundo e o julgará com justiça”.⁴

Este Salmo nos chama a atenção para um aspecto desta doutrina, a certeza de que temos um Deus Todo-Poderoso que julga, às vezes imperceptivelmente, e que manifestará de forma completa o Seu juízo no final dos tempos. Algumas facetas do juízo de Deus podem ser aprendidas neste texto.

Este salmo foi escrito por Davi em resposta a um personagem obscuro, Cuxe, da tribo de Benjamim.⁵ O seu dito deve se assemelhar ao que dissera Simei quando Davi foge de Absalão, entendendo que a sua situação adversa era simplesmente o juízo de Deus. Davi se sente injustiçado por isso invoca a Deus como seu advogado de defesa.⁶ Ele está aflito, contudo, “une a audácia da fé com a força ética de sua consciência”⁷ para invocar a justiça de Deus.

Assim, podemos aprender neste salmo que o *Juízo de Deus*,

1. REVELA ASPECTOS DA NATUREZA DE DEUS:

Em nossos atos revelamos quem somos e o que sentimos. É por isso que é impossível permanecer por muito tempo enganando a todos, tentando ser o que não somos. Os atos falhos terminarão por se manifestar cada vez com maior contundência.

Mesmo em nossa honesta tentativa de pensar e viver coerentemente, o que sentimos circunstancialmente pode nos trair; daí o exercício da prática do pedir e conceder perdão acompanhado de uma nova atitude. Somos pecadores e como tais com frequência não agimos como deveríamos, quer tenhamos consciência disso, quer não.

Os atos de Deus, no entanto, são sempre justos. O Seu juízo é uma expressão correta do que Deus é. Ele não age simplesmente por impulso, movido ao sabor de paixões, predileções ou subornos emocionais, antes, manifesta quem é: a Sua natu-

⁴ D. M. Lloyd-Jones, *Uma Nação sob a Ira de Deus: Estudos em Isaías 5*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Textus, 2004, p. 72.

⁵ Quando às especulações sobre quem seria Cuxe, vejam-se o resumo delas em W.S. Plumer, *Psalms*, Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, © 1867, 1975 (Reprinted), p. 106-107.

⁶ Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 7), p. 135.

⁷ Artur Weiser, *Os Salmos*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 95.

reza essencial. Consciente disso, o salmista clama pela manifestação de Deus, dizendo: “*Levanta-te, SENHOR, na tua indignação* (אִפּוֹ) (aph), *mostra a tua grandeza contra a fúria dos meus adversários e desperta-te em meu favor, segundo o juízo* (מִשְׁפָּט) (mishpat) *que designaste* (צִוִּיתָ) (tsavah)” (Sl 7.6).

Davi evidencia algumas das perfeições de Deus que são manifestadas em Seus juízos:

a) **Indignação ou ira**⁸ (6): A indignação de Deus é uma repulsa aos atos que por serem pecaminosos são uma afronta a Sua santidade.

Agostinho (354-430) resume bem:

“Ira e furor do Senhor não são perturbação da mente e sim força vindicativa, inteiramente justa, pois serve-o submissa toda a criação. (...) A ira de Deus, portanto, é a comoção da alma, conhecedora da lei de Deus, ao ver o pecador transgredir a mesma lei”.⁹

b) **Grandeza** (6): O poder soberano de Deus Se mostra com naturalidade diante da aparente grandeza de nossos inimigos. Às vezes nos comportamos como se o nosso Deus não fosse o Senhor Todo-Poderoso, como se Ele precisasse lutar contra o mal e não, como de fato é, ter o controle absoluto sobre ele. Davi conhecia bem o seu Deus. Ele ora no sentido de que Deus mostrasse o Seu poder justo e santo.

Packer comenta que "quando o Deus santo manifesta-se em justo juízo contra os malfetores, Ele é 'santificado', isto é, a sua santidade é revelada e vindicada. Esses atos de poder e de justiça declaram a grandeza de Deus e manifestam a sua glória perante os homens. Por esses meios, Deus se faz conhecido e é honrado".¹⁰

c) **Desígnio** (6): Deus age sempre em harmonia com a Sua natureza santa, justa, amorosa, misericordiosa e fiel. O juízo, em última instância, pertence a Deus. Esta é a palavra de instrução e exortação de Moisés aos juízes que o ajudariam na condução do povo (Dt 1.17).¹¹ Portanto, Deus não é indiferente ao mal. Não pensemos que podemos enganar a Deus ou que Ele faz vistas grossas. Ele manifestará o Seu juízo. Aliás, sustentar um falso conceito da indiferença de Deus, ainda que possa ser bastante racionalizante para o ímpio desejoso de prosseguir em seus atos, é algo extremamente grave diante de Deus. O povo de Judá, após a volta do cativo, tendo os anos se passado, se esqueceram dos atos de misericórdia de Deus. Agora, na

⁸ Sl 6.1; 90.7; Jr 10.24. Veja-se: G. Van Groningen, Anep: In: R. Laird Harris, et. al., eds. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 97.

⁹ Agostinho, *Comentário aos Salmos*, São Paulo: Paulinas, 1997, (Patrística, 9/1), Vol. 1, (Sl 2.4), p. 26.

¹⁰ J.I. Packer, *Vocábulo de Deus*, São José dos Campos, SP.: Fiel, 1994, p. 158.

¹¹ “Não sereis parciais no juízo, ouvireis tanto o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; porém a causa que vos for demasiadamente difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei” (Dt 1.17).

sua suposta auto-suficiência patrocinada pelos sacerdotes, afronta a Deus com perguntas que, na realidade, eram afirmações levianas. Deus demonstra a sua indignação: “Enfadaís o SENHOR com vossas palavras; e ainda dizeis: Em que o enfadamos? Nisto, que pensais: Qualquer que faz o mal (רע)(ra)¹² passa por bom aos olhos do SENHOR, e desses é que ele se agrada; ou: Onde está o Deus do juízo?” (Mt 2.17).¹³ O salmista corretamente afirma: “O rosto do SENHOR está contra os que praticam o mal (רע)(ra)” (Sl 34.16).

Deus é o Senhor da história; nada lhe escapa ou lhe é estranho: “Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande (צוה) (tsavah)¹⁴?” (Lm 3.37).¹⁵ Como tal, no Novo Testamento Paulo pregando aos crédulos idólatras atenienses, que viviam de um esplendor já tão distante, afirma que há um dia designado pelo próprio Deus no qual Ele manifestará o seu derradeiro e completo juízo: “Porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (At 17.31).

Notemos, então, que o juízo de Deus revelará o seu poder de designar (צוה) (tsavah) e agir conforme o que estabeleceu. O salmista referindo-se ao poder criador de Deus, escreve: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou (צוה) (tsavah), e tudo passou a existir” (Sl 33.9).¹⁶ Deus é o reto juiz a Quem compete julgar e Ele o faz conforme os princípios estabelecidos em Sua Palavra: “Tu ordenaste (צוה) (tsavah) os teus mandamentos, para que os cumpramos à risca” (Sl 119.4).

Paulo confiante na integridade da mensagem anunciada, escreve: “No dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho” (Rm 2.16).

2. É DISCERNIDOR:

⁸ O SENHOR julga os povos; julga-me, SENHOR, segundo a minha retidão e segundo a integridade que há em mim. ⁹ Cesse a malícia dos ímpios, mas estabelece tu o justo; pois sondas a mente e o coração, ó justo Deus” (Sl 7.8-9).

Deve ser dito logo de início que Davi não reivindicava a sua impecabilidade, contudo, considerava-se limpo e injustiçado em relação às acusações que lhe faziam (8). Como sabemos, nenhum de nós retrata de forma perfeita a justiça de Deus, por-

¹² Sobre a questão do mal e os preceitos de Deus tratarei quando analisar o Salmo 15.

¹³ Estes também diziam: “Ora, pois, nós reputamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, sim, eles tentam ao SENHOR e escapam” (Mt 3.15).

¹⁴ Para um significativo estudo desta palavra, veja-se: John E. Hartley, Tsawa: In: R. Laird Harris, et al., eds. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1269-1271.

¹⁵ “Tu és o meu rei, ó Deus; ordena (צוה) (tsavah) a vitória de Jacó” (Sl 44.4).

¹⁶ De igual modo: Sl 148.5; Is 45.12.

tanto, não um justo sequer (Rm 3.9-12/Sl 14.1-3).¹⁷

Uma das difíceis tarefas que enfrentamos é a de julgar. Diariamente, talvez sem percebermos, exercemos a nossa capacidade de julgar; quando, por exemplo, escolhemos a roupa com a qual vamos trabalhar, se vamos levar agasalho ou não, se é melhor fazer determinadas tarefas pela manhã ou deixá-las para mais tarde, estar aqui hoje ou ficar em casa, etc.

Contudo, nem todas as nossas escolhas são tão rotineiras como as mencionadas acima. Um dos agravantes para nós é que mesmo estando com o desejo puro e honesto de sermos justos, faltam-nos elementos; não temos todas as informações, somos enganados pelas pequenas e, paradoxalmente, intensas impressões que temos; não conseguimos ter uma visão mais ampla da realidade ou mesmo precisa do que temos.

Ilustro: Recentemente (janeiro de 2010) assisti uma reportagem na qual a Polícia Civil de SP prendeu uma gangue que iludia as pessoas com a possibilidade de ganhar dinheiro localizando a bolinha dentro de uma das três forminhas que o “jogador” manipulava em um tabuleiro improvisado. Em determinado momento, um senhor que fora preso foi entrevistado e ele disse que era aposentado, estava de passagem indo comprar remédio; aquilo tudo era um engano. Por alguns segundos fiquei solidário com aquele senhor, até que a reportagem o mostrou durante dias sendo um dos agentes da gangue. Percebi logo o meu equívoco e como o meu sentimento me enganou.

Deus no Seu juízo discerne o que há em nosso coração. Enfatizamos: Davi não se julgava sem pecado, contudo, inocente das acusações que lhe fizeram. Daí pedir que Deus o julgue “.... segundo a minha retidão e segundo a integridade que há em mim” (8).

O exame criterioso de Deus é sobre todos: ⁴“O SENHOR está no seu santo templo; nos céus tem o SENHOR seu trono; os seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam (בָּחַן)(bahan) os filhos dos homens. ⁵O SENHOR põe à prova (בָּחַן)(bahan) ao justo e ao ímpio; mas, ao que ama a violência, a sua alma o abomina” (Sl 11.4-5).¹⁸

Davi sabe, portanto, quem é o Seu Deus e como Ele age com soberania, sabedoria e conhecimento; Ele conhece os nossos corações: “.... pois sondas a mente e o coração, ó justo Deus” (9).

^{17,9} Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; ¹⁰ como está escrito: Não há justo, nem um sequer, ¹¹ não há quem entenda, não há quem busque a Deus; ¹² todos se extraíram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.9-12).

¹⁸ Do mesmo modo: Jr 11.20; 12.3; 20.12.

3. É UNIVERSAL:

Como Deus é o Senhor criador de todas as coisas, também governa sobre todo o universo. Deste modo, a manifestação do Seu juízo será sobre todos os povos. Ninguém será julgado simplesmente pelos padrões da sua cultura. Aqui não há nenhum tipo de relativismo¹⁹ e subjetivismo.²⁰ “O Senhor (יהוה) (Yehovah) *julga os povos*” (8). E Deus julga a todos os povos porque, na realidade, todo o universo, toda a criação, visível e invisível, está sob o Seu cuidado e governo; nada Lhe é estranho. O juízo de Deus é universal; Ele é independente. O seu juízo não é uma pretensão, antes, é a manifestação santa e justa de Seu governo; Ele é o Senhor, por isso, tem autoridade e autonomia para fazê-lo.

O nome *Yehovah* denota a graça soberana e a auto-existência de Deus: Deus existe por si só, não dependendo de ninguém, de nenhuma circunstância; o Seu poder eterno emana de Si mesmo, que é a sua fonte inesgotável. Deus mesmo disse a Moisés: “*Eu Sou o que Sou*” (Ex 3.14).

Deus exerce ativamente o Seu poder sobre o mundo e os homens, dirigindo a História para a realização do Seu propósito eterno.

Contudo, em alguns momentos a sucessão dos eventos históricos pode nos deixar perplexos, como aconteceu com o profeta Habacuque (Hc 1 e 2), entretanto, a mão poderosa de Deus rege todos os acontecimentos; Deus dirige a história fazendo com que todas as coisas contribuam para o bem do Seu povo, da Sua Igreja (Rm 8.28). “Toda nação da terra está sob a mão divina, porque não há poder neste mundo que, em última instância, não seja por Ele controlado. (...) Deus é o Senhor da história. (...) Ele começou o processo histórico, controla-o, e por-lhe-á um fim. Jamais devemos perder de vista este fato decisivo”.²¹

O Senhor da História conduz a história para o Seu glorioso fim; Ele mesmo julgará

¹⁹ Para o relativismo ético ou convencionalismo, os conceitos considerados verdadeiros são produtos dos valores de uma época, de uma cultura, de um povo. Assim, toda verdade é relativa às crenças de uma sociedade, época, grupo ou cultura. Deste modo, não existe um código moral universalmente válido, antes, há uma infinidade de códigos com reivindicações semelhantes. A questão, portanto, não é quanto à existência de um código moral, antes, a sua validade universal. (Para uma descrição dos tipos de relativismos, vejam-se: David B. Wong, *Relativismo Moral*: In: Monique Canto-Sperber, org. *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*, São Leopoldo, RS.: Editora Unisinos, 2003, Vol. 2, p. 490-496; J.P. Moreland; William L. Craig, *Filosofia e Cosmovisão Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 498ss. Uma visão erudita e bem humorada do relativismo cultural mostrando a sua realidade, limites e incompreensões de seus acusadores encontramos em Clifford Geertz, *Nova Luz Sobre a Antropologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 47-67. Para uma avaliação cristã, vejam-se os artigos: *Relativismo, Relativismo Cultural e Relativismo Ético*. In: Carl Henry, org. *Dicionário de Ética Cristã*, São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 507-514).

²⁰ Para o subjetivismo, a validade da verdade está limitada ao sujeito que conhece e julga. Desta forma, não podemos falar de uma realidade idêntica para todo o ser humano. Toda certeza é pessoal, visto que toda a verdade é subjetiva. (Este assunto será mais amplamente tratado quando estudarmos o Salmo 15).

²¹ D. Martyn Lloyd Jones, *Do Temor à Fé*, Miami: Editora Vida, 1985, p. 21.

o mundo inteiro.²²

4. É JUSTO:

Todos os elementos levantados se ajustam na afirmação de que o juízo de Deus é justo. Sim, ele poderia ser soberano, misericordioso, amoroso, etc. Contudo, poderia não ser justo pela incapacidade de discernir os elementos. Nem sempre conseguimos ser justos ainda que pretendamos. Algumas vezes cometemos injustiças pela nossa precipitação, falta de informações ou, ainda que não falem tais elementos, podemos ser conduzidos, e como somos, pela nossa passionalidade. Quão difícil é entender a nossa condição de suspeição para decidir determinadas questões. Como é difícil ser justo quando os nossos interesses, ainda que não necessariamente escusos, estão em jogo. Por outro lado, como é fácil atribuir motivações santas aos nossos interesses e preocupações enquanto que as motivações dos outros, aos nossos olhos tão perspicazes, estão sempre mescladas e manchadas daquilo que pode ser, na realidade, um exalar de nossos desejos ocultos.. Tendemos a condenar nos outros os desejos que, com frequência, são nossos, mas, que não ousamos admitir. Os nossos juízos sobre os outros podem ser, com frequência, uma expressão de nossas próprias falhas e valores equivocados e disfarçados.

No entanto, quando falamos do juízo de Deus, podemos dizer como Davi: “*Deus é justo juiz*” (Sl 7.11). A justiça de Deus consiste no agir conforme a Sua natureza santa. Deus é o padrão absoluto para Si mesmo. A natureza santa de Deus é a Lei a partir da qual todas as demais leis devem ser avaliadas. O padrão da justiça de Deus é-nos revelado nas Escrituras.²³

Isto significa, entre inúmeras outras coisas, que ninguém pode tentar manipular a Deus ou suborná-lo com orações e oferendas. Ele é santo, soberano e justo.

Nada está oculto diante do Senhor: “*O além e o abismo estão descobertos perante o SENHOR; quanto mais o coração (לב) (lebh) dos filhos dos homens!*” (Pv 15.11).

Por meio de uma figura, Salomão demonstra como é criterioso e preciso o exame do Senhor; Ele esquadrinha inteiramente o nosso coração: “*O crisol prova a prata, e o forno, o ouro; mas aos corações (לב) (lebh) prova (בִּחַן)(bahan) o SENHOR*” (Pv 17.3).²⁴

Deus mesmo declara: “*Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo (בִּחַן)(bahan) os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações*” (Jr 17.10).

²² Veja-se: D.M. Lloyd-Jones, *Deus o Pai, Deus o Filho*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997 (Grandes Doutrinas Bíblicas, Vol. 1), p. 323.

²³ Veja-se Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1990, p. 77-78.

²⁴ Do mesmo modo: Pv 21.2; 24.12.

Deus conhece as nossas motivações e intenções: “Se disseres: Não o soubemos, não o perceberá aquele que pesa os corações (לב) (lebh)? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? E não pagará ele ao homem segundo as suas obras?” (Pv 24.12).

O juízo de Deus está relacionado a este conhecimento: “Enganoso é o coração (לב) (lebh), mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração (לב) (lebh), eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto de suas ações” (Jr 17.9-10).

Daí o conforto do salmista: “Deus é o meu escudo; ele salva os retos de coração (לב) (lebh)” (Sl 7.10). Esta é a alegria própria dos retos de coração: “Alegrai-vos no SENHOR e regozijai-vos, ó justos; exultai, vós todos que sois retos de coração (לב) (lebh)” (Sl 32.11). Por isso o salmista rende graças a Deus: “Eu, porém, renderei graças ao SENHOR, segundo a sua justiça, e cantarei louvores ao nome do SENHOR Altíssimo” (Sl 7.17).

ALGUMAS APLICAÇÕES:

1. Em todos os momentos em que nos sentirmos ameaçados injustamente, podemos recorrer a Deus em oração: Ele é o nosso refúgio e salvador **(1)**. Ele protege e salva os retos de coração; é o nosso escudo **(10)**.
2. O ataque injusto que é feito contra os servos de Deus é, na realidade, uma afronta a Deus; Ele não deixará isso impune. Os que assim agem terão de se deparar com o próprio Deus que está fortemente armado **(11-13)**. “Horrrível cousa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31).
3. Devemos perseverar em nossa confiança em Deus e na Sua justiça, não nos abatendo facilmente. “A impaciência é uma rebelião contra a justiça de Deus”.²⁵
4. Não confundamos a paciência de Deus com conviência. Ele manifesta a Sua justiça constantemente ainda que não a percebamos **(11)**. “Não obstante a confusão reinante no mundo, é certo que Ele jamais cessa de exercer a função de Juiz. Todos quanto se derem ao trabalho de abrir seus olhos para contemplarem o governo do mundo, verão distintamente que a paciência de Deus é muito diferente de aprovação ou conviência. Seguramente, pois, seu próprio povo, confiadamente, a Ele recorrerá a cada dia”.²⁶
5. Os impiedosos cairão em suas próprias armadilhas **(14-16)**. A figura é de cavar um grande buraco e disfarçá-lo a fim de que o animal sem perceber caia e fi-

²⁵ João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 58.

²⁶ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1, (Sl 7.11), p. 149.

que preso. Davi diz que o ímpio que concebeu a mentira cairá na sua própria mentira. O próprio pecado se tornou seu julgamento.²⁷

6. Mesmo sendo injustiçados, devemos nos esforçar por cultivar, um coração puro: *“Eu, porém, renderei graças ao Senhor, segundo a sua justiça” (17)*.
7. Ainda que não possamos perceber e compreender perfeitamente as manifestações do juízo de Deus, devemos louvá-Lo por Sua justiça. Deus sempre age em Sua santa e amorosa justiça. Assim como Ele, a Sua justiça é altíssima **(17)**. Portanto, devemos cultivar a nossa mente livre e pura de especulações e juízos condenatórios. “Visto que a providência divina no mundo não é agora evidente, é mister que exerçamos paciência e subamos acima das sugestões do senso carnal a antecipar o resultado favorável”.²⁸
8. Alegremo-nos no cuidado providente de Deus: “Que coisa maravilhosa é ir pela vida sabendo que a sua vida está nas mãos de Deus, sabendo que seu Pai está interessado dessa forma por vocês e que seu bendito Mediador, que orou por vocês na terra, continua intercedendo por vocês no céu”.²⁹

Maringá, 17 de junho de 2010.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

²⁷ Ver: Artur Weiser, *Os Salmos*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 96.

²⁸ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 49.1), p. 371.

²⁹ D.M. Lloyd-Jones, *Seguros Mesmo no Mundo*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005 (Certeza Espiritual: Vol. 2), p. 35.